

Globalização precisa ser um pacto suicida?

O colapso não é uma questão de destino e a renovação exige imaginação.

Por Antara Haldar

Valor, 03/10/2025

Quando a Organização das Nações Unidas (ONU) surgiu dos escombros de duas guerras mundiais, há 80 anos, ela representava a tentativa ambiciosa da humanidade de transformar a catástrofe em cooperação. Mas, enquanto o mundo traumatizado de 1945 tinha esperança após a vitória dos Aliados, de lá para cá esse otimismo azedou. Hoje, a ONU está subfinanciada, avessa a riscos e paralisada.

Enquanto isso, a inteligência artificial, as cripto-financeiras e o colapso climático disputam a definição deste século, e guerras continuam a assolar a Ucrânia, Gaza, Sudão e outros lugares. Nesse cenário, as comemorações dos 80 anos da ONU se resumiram a gestos grandiosos, mas fúteis, de uma sociedade desesperada à beira do colapso.

Mas o que, exatamente, leva ao colapso de uma civilização? Teorias não faltam. O geógrafo Jared Diamond afirma que sociedades tão sofisticadas quanto os maias ou os groenlandeses nórdicos acabaram implodindo quando falharam em se adaptar ao estresse ecológico.

Da mesma forma, o antropólogo Joseph Tainter mostrou que a própria complexidade pode se tornar um fardo: quando os custos de coordenação superam os retornos, as instituições perecem. Por outro lado, Peter Turchin e Sergey Nefedov argumentam que os “ciclos seculares” de aumento da desigualdade e superprodução de elites (profissionais do conhecimento em excesso em relação às vagas disponíveis) têm, historicamente, provocado turbulência social e política. E Vaclav Smil alerta que nenhum sistema - biológico ou social - se expande para sempre.

Isso é só a superfície de uma longa tradição teleológica. O historiador Arnold Toynbee acreditava que as civilizações ascendem por meio de respostas criativas a problemas comuns e depois caem por inércia. “O Declínio do Ocidente”, de Oswald Spengler, tratou a senescência civilizacional como destino, sugerindo que as culturas envelhecem como organismos. Em “Ascensão e Queda das Grandes Potências”, Paul Kennedy vinculou o colapso imperial ao excesso de poder militar. “Pragas e Povos”, de William McNeill, nos lembra como os patógenos moldam a História, e “Por que as Nações Fracassam”, de Daron Acemoglu e James Robinson, reformulou a narrativa em torno das elites extrativistas.

Mas aonde essas análises nos levam? Segundo o pesquisador de riscos existenciais Luke Kemp, a globalização produziu um “Golias” planetário. Diferentemente de Roma, o mundo atual está totalmente integrado, o que significa que qualquer novo fator de estresse - um choque climático, uma pandemia, uma crise financeira - pode desencadear uma cascata global súbita e irreversível. Pior ainda, com sete dos nove limites planetários de Johan Rockström já ultrapassados, a Terra já lançou o desafio para a nossa civilização.

Mas ruína não é destino. David Graeber e David Wengrow desafiaram, em seu livro de 2022 “The Dawn of Everything”, a visão determinista da evolução das civilizações. O colapso não é uma questão de destino, mas uma falha de imaginação. Apesar de escrever durante a Grande Depressão, John Maynard Keynes previu que, em um século, a tecnologia poderia resolver o “problema econômico”, deixando os seres humanos livres para a “arte de viver”, à medida que a jornada de trabalho caísse para 15 horas semanais e a desigualdade diminuísse.

O livro recente dos jornalistas Ezra Klein e Derek Thompson, “Abundance”, reaviva essa sensibilidade. Eles argumentam que a política hoje está desnecessariamente presa a uma mentalidade de escassez - com disputas intermináveis por habitação, energia e outros recursos, levando a impasses e polarização. A situação exige o que eles chamam de uma “política de construção”: expandir a capacidade, e não apenas fatiar um bolo cada vez menor.

É possível que a IA cumpra a promessa da semana de trabalho de 15 horas, e que as criptomoedas se tornem uma moeda global nos moldes do “bancor” proposto por Keynes? Embora Kemp acredite que a “autoextinção” civilizacional seja a mais provável, na verdade existem três caminhos à nossa frente. O primeiro é aquele em que ele e muitos dos autores citados acima se concentram: o colapso. Nesse cenário, as mudanças climáticas saem de controle, a IA é rapidamente militarizada, os criptoativos desestabilizam economias frágeis e a ONU se torna irrelevante.

Um segundo cenário é caracterizado pela deriva. Aqui, a política de escassez continua, a regulação de novas tecnologias é gradual, as autoridades perseguem uma gestão de crises sem fim e a ONU segue se reunindo, mas sem nenhuma autoridade ou visão. A governança global passa a ser meramente cerimonial.

Um terceiro caminho é o da renovação. A IA seria aproveitada para expandir o conhecimento e reduzir o trabalho árduo. A resposta às

mudanças climáticas se tornaria a base para o crescimento e desenvolvimento futuros. E a ONU evoluiria para uma plataforma do século XXI capaz de gerir dados planetários, regulamentar bens públicos globais e reunir não apenas Estados, mas também cidades, empresas e cidadãos.

A renovação exige imaginação institucional. A moeda mais valiosa do século XXI não é o petróleo, o ouro, ou mesmo os dados. É a confiança. A humanidade evoluiu formando laços de confiança além da família imediata, mas ainda tipicamente limitados a grupos menores. Mas como enfatiza o secretário-geral da ONU, António Guterres, nossos problemas mais urgentes são planetários, o que significa que a confiança precisa ser dimensionada para oito bilhões de pessoas.

Fazer isso exige uma transparência radical. Há precedentes de ação global eficaz: o Protocolo de Montreal interrompeu a destruição da camada de ozônio; o Tratado da Antártida desmilitarizou um continente; e Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN) gerencia a infraestrutura da internet sem a necessidade de um leviatã todo-poderoso.

A falecida laureada com o Nobel Elinor Ostrom mostrou que os bens comuns podem ser bem governados se as instituições forem flexíveis, policêntricas e em rede (com múltiplos atores independentes focados em diferentes elementos de uma mesma agenda abrangente). A ONU ocasionalmente incorporou esse espírito, por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da erradicação da varíola e do (agora fragilizado) acordo climático de Paris. Mas ela também tem sido paralisada por vetos, pela geopolítica e uma visão inadequada.

Os vendedores do Vale do Silício gostariam que acreditássemos que a tecnologia vai determinar o futuro. Mas a variável mais importante é se nossas instituições se adaptam - e como o fazem. Como disse Toynbee: “As civilizações morrem por suicídio, não por assassinato”. A escolha entre a abundância e o apocalipse ainda é nossa. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Antara Haldar, professora associada de Estudos Jurídicos Empíricos na Universidade de Cambridge, é professora visitante na Universidade Harvard. Direitos autorais: Project Syndicate, 2025. www.project-syndicate.org